

Os conflitos das últimas cinco décadas

Das guerras de independência aos sangrentos conflitos em que a Guerra-fria servia de pano-de-fundo, e que marcaram a construção dos Estados africanos

pós-colonialismo, encontramos

hoje uma realidade assente na manutenção da conflitualidade em múltiplos locais do continente africano.

Palco de instabilidades crónicas, África não conseguiu ainda, em muitos aspectos, gerir eficazmente a diversidade de culturas e modos de vida e conciliar divergentes perspectivas quanto ao funcionamento de alguns Estados, apesar de tudo, ainda frágeis.

Todavia é possível identificar algumas alterações nos conflitos em África ao longo das últimas cinco décadas: por um lado, verifica-se um acentuado decréscimo dos conflitos inter-estatais e, por outro, assistimos à predominância de conflitos multifacetados evidenciando processos de mudança de difícil enquadramento em apenas uma categoria.

A diminuição dos conflitos inter-Estatais poderá encontrar, entre outros, justificação em três aspectos:

1 — a edificação de instituições continentais, regionais e sub-regionais com competências crescentes em matéria de Paz e Segurança e progressivamente dotadas de mecanismos de prevenção, mediação e resolução de conflitos, cuja actividade, embora ainda limitada, começa a despontar, tendo já obtido resultados interessantes em alguns contextos;

2 — a normalização do relacionamento inter-Estados, evoluído de uma dinâmica de competição por poder e território e hoje objecto de enquadramento em estruturas institucionais soberanas;

3 — um percurso de crescimento económico e desenvolvimento social em curso em alguns países.

Já a predominância de conflitos de complexidade acrescida, quer no que respeita a actores envolvidos, quer no que concerne à agudização dos factores de perturbação e dificuldade de resolução, poderá ser consequência da coincidência de múltiplas dinâmicas enquadradas num contexto de debilidade dos Estados na gestão precoce

destes fenómenos, entre as quais se destacam as seguintes:

Alterações quanto aos Actores

Colocado em evidência com maior acuidade nas últimas duas décadas, nesta alteração quanto aos actores radica a boa parte da complexidade hoje inerente aos conflitos africanos. No epicentro desta, é possível apontar alguns aspectos a considerar embora numa análise não exaustiva. As alterações quanto à configuração dos exércitos, a tendência de privatização da violência, e as ligações à criminalidade organizada, são apenas alguns exemplos. No que respeita à configuração dos exércitos assinala-se o recurso à utilização de crianças soldado. Não se tratando de uma realidade distante no passado, é todavia difícil o seu diagnóstico atendendo ao isolamento dos locais onde têm lugar e/ou à dificuldades verificadas na colecção de provas que conduzam à responsabilização dos líderes envolvidos resultando num ambiente de alguma impunidade. A situação no Uganda com a actividade do *Lord's Resistance Army* de Joseph Kony, a situação em apreciação no Tribunal Penal Internacional alegadamente envolvendo Thomas Lubanga Dyilo e a *Union des Patriotes Congolais*, na região de Ituri, na República Democrática do Congo, ou as suspeitas que recaem sobre a *Union des Forces Démocratiques pour le Rassemblement*, na República Centro Africana ou ainda as dúvidas sobre as *Forces Nouvelles* na Costa do Marfim, quanto à idade de alguns soldados, constituem exemplos contemporâneos da concretização real deste processo¹. Nestes casos, o recurso a crianças e jovens para ingresso nas fileiras de combate parece surgir em consequência da fusão entre a necessidade de angariação de soldados ou o desejo de doutrinação precoce na "ideologia" e modo de vida dos grupos onde estes são inseridos. Em muitos casos, tratam-se de crianças e jovens subtraídos às suas famílias e mantidos com recurso à força no seio destes movimentos. O desconhecimento de outro modo de vida, resultado da integração

muito precoce nos movimentos, e o instinto de sobrevivência acabam não raramente por resultar na formação de "soldados" em relação aos quais o regresso à vida não militar se afigura muito difícil.

Contudo, esta é uma realidade que não se esgota na utilização de crianças/jovens em situações de guerra, exemplos há de cenários onde a instrumentalização de grupos de jovens é veículo de afirmação de poder junto das populações.

Em Abril passado, o Secretário Geral das Nações Unidas, Ban Ki-Moon apontou a existência de 56 entidades (Governamentais ou não) tidas como violadoras das leis internacionais de proibição do recrutamento e uso de crianças soldado².

No respeitante à privatização do uso da força, verifica-se uma crescente participação de entidades privadas em processos conflituais no continente africano. Não se tratando de um fenómeno exclusivo deste continente, nem tão pouco aí originado, as importantes lacunas legislativas, as falhas dos sistemas judiciais africanos e, no limite, a fragilidade dos próprios Estados resultam na talvez mais visível actividade destas neste contexto.

Para além da importante reflexão sobre as consequências da generalização do recurso a entidades privadas de tipo empresarial em situações de conflito, importa o diagnóstico do impacto desta realidade no modo de condução dos conflitos e no modo de os prevenir, gerir e resolver. O desenvolvimento e actividade de empresas privadas com capacidades de tipo militar, não só em termos de equipamento, como no que concerne à preparação e actividade do seu pessoal, acarreta o risco de aprofundamento da conflitualidade, entendida esta como lucrativa, num panorama onde se comercializa a arte de fazer a guerra. A utilização dos serviços destas empresas por entidades não estatais, mas com disponibilidade financeira, constitui um outro universo de preocupações. Em 2004, o alegado envolvimento de Simon Mann³ (*Executive Outcomes* e *Sandline International*) na preparação da deposição do General Obiang na Guiné Equatorial poderá ilustrar este quadro³. Os resultados

desta dinâmica em África não são ainda inteiramente conhecidos mas suscitam já a atenção das Nações Unidas no âmbito do âmbito do *Working Group on the Use of Mercenaries*⁴.

Em linha com esta temática da empresarialização dos conflitos em África, estão as alterações no modo de condução das guerras num contexto onde cada vez mais se prosseguem objectivos não militares, visando a população civil e não exércitos ou forças armadas oponentes. Estas novas formas de fazer a guerra, serão especialmente visíveis na região sudanesa de Darfur, quanto à acção de alguns grupos sobre as populações.

O envolvimento de grupos criminosos no desenrolar de alguns conflitos em África ou a sua participação na agudização da instabilidade em alguns países e/ou regiões, constitui mais uma das facetas a considerar na análise da conflitualidade neste continente. Para além dos benefícios a retirar da manutenção da instabilidade crónica, condição facilitadora da sua actividade, releva o seu possível papel na promoção de alguns conflitos. O seu crescimento e influência em certos países adquire hoje contornos passíveis de influenciar a sua vida política e o funcionamento de instituições democráticas. Actividade lucrativas como o narcotráfico ou o tráfico de seres humanos e auxílio à imigração ilegal, são hoje realidades incontornáveis em África, e a sua interacção com a paisagem política local bem como o seu potencial desestabilizador parecem hoje evidente, por exemplo, na Somália e na Guiné Bissau⁵. Prosseguindo uma agenda muito própria, estes grupos estão simultaneamente dentro e fora de alguns processos conflituais. São parte interessada apenas na medida da salvaguarda da sua actividade e lucro. O impacto destes "actores fantasma" sobre as metodologias de resolução de conflitos constitui uma realidade de abordagem ainda embrionária.

Alterações quanto ao Tempo

Não obedecendo a padrões convencionais, alguns conflitos em África evidenciam alte-

rações quanto ao modo como decorrem no tempo. Encontramos conflitos intermitentes, isto é, cuja actividade decorre ao longo de anos, mas não de forma contínua, e conflitos perenes que se mantêm activos durante prolongados períodos de tempo resultando em zonas de instabilidade crónica. Actualmente a situação na Somália, em colapso permanente desde 1991, poderá servir de exemplo, bem como a situação no Sudão onde, pese embora com

contornos diferentes, a conflitualidade se mantém desde 1956. A perenidade de conflitos de baixa intensidade, à semelhança do que sucede no Uganda, constitui uma outra destas facetes, talvez menos visível aos olhos da Comunidade Internacional mas apesar de tudo activa. Esta relação dos conflitos em África com o tempo é igualmente interessante do ponto de vista da modificação da percepção internacional dos mesmos e da sua gravidade. O hábito,

a ausência de progressos, de novidade, ditam o desenvolvimento de um certo alheamento e desinteresse face aos mesmos, com todas as implicações daí decorrentes para as populações mais afectadas.

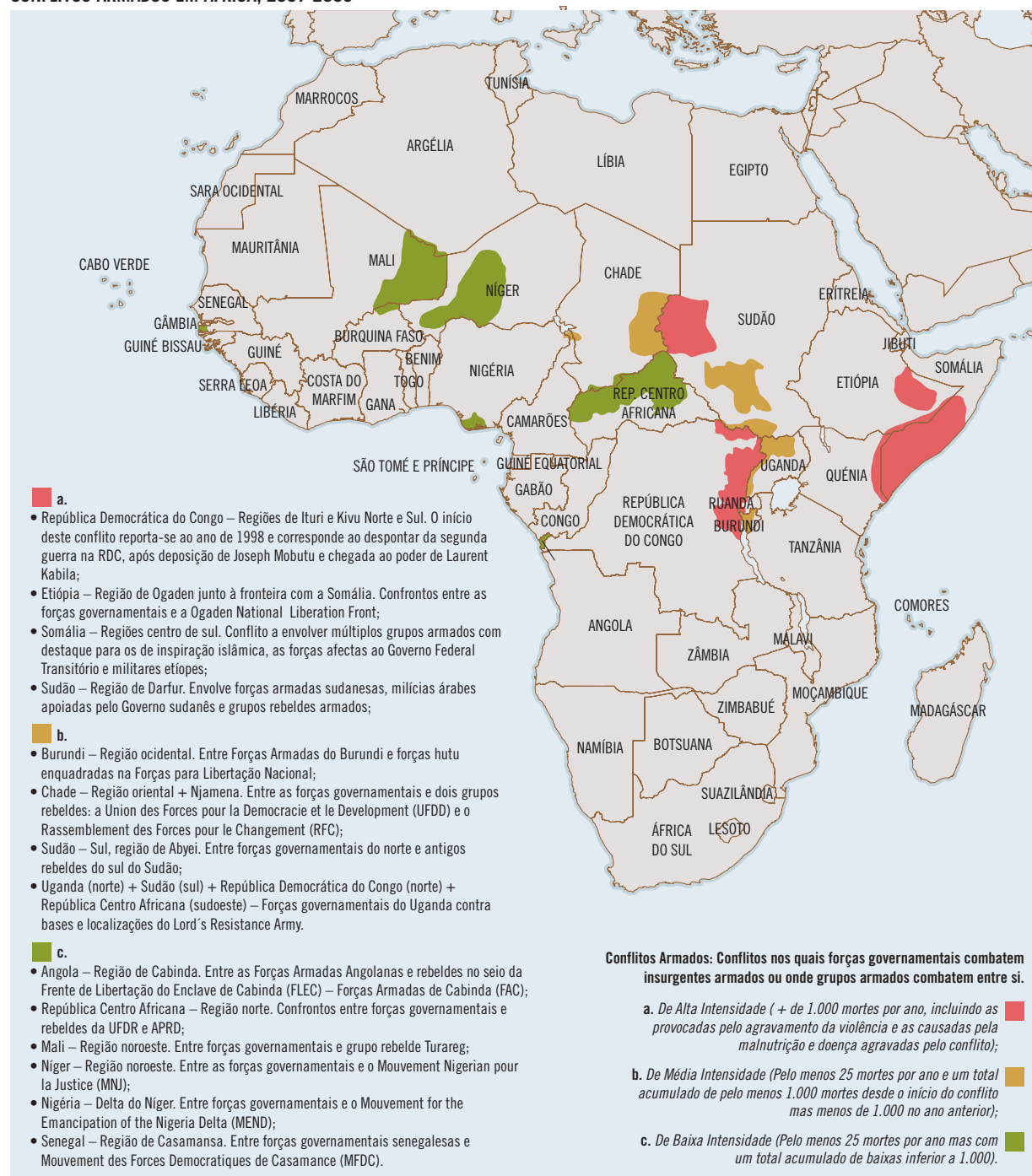
Alterações quanto ao Espaço

Também no que respeita ao modo como estes conflitos interagem com o espaço que os rodeia verifica-se uma tendência in-

teressante de desvalorização das fronteiras enquanto limite da actividade dos Estados, no âmbito da qual, após décadas de afrontamento e sobre-valorização do território, os conflitos extravasam as demarcações fronteiriças em processos, nem sempre inteiramente assumidos, de incursão em países vizinhos.

Na região dos Grandes Lagos africanos, e durante grande parte da década de 90, a noção de fronteira parecia ter adquirido um novo significado. As constantes incursões do Uganda e do Ruanda em território da actual República Democrática do Congo pareciam delinear um cenário onde as guerras destes países eram travadas fora do seu espaço nacional. As forças governamentais do Uganda perseguiram o *Lord's Resistance Army*, dentro do território congolês, o mesmo sucedendo com as incursões das forças do Ruanda na perseguição de grupos de Hutu⁶. Na África ocidental, o exemplo da porosidade das fronteiras Serra Leoa – Libéria e Costa do Marfim – Libéria no âmbito dos conflitos que grassavam nestes países, poderá, também, constituir um exemplo interessante. ■

CONFLITOS ARMADOS EM ÁFRICA, 2007-2009



Fonte: United States Department of State, Humanitarian Information Unit, disponível em <http://hiu.state.gov>. Revisto e adaptado.

¹ International Criminal Court (ICC-01/04 e 01/06). Disponível em: <http://icc-cpi.int/>.

Office of the Secretary-General for Children and Armed Conflict. Disponível em: <http://un.org/>

² "Secretary General's Remarks to the Security Council Meeting on Children and Armed Conflict", 29 de Abril de 2009. Disponível em: <http://www.unhcr.org/>.

³ Perfil de Simon Mann. Disponível em: <http://news.bbc.co.uk/>.

⁴ Office of the High Commissioner for Human Rights. Disponível em: <http://www.ohchr.org/>.

⁵ US Department of State – "Trafficking in Persons Report, 2008 Special Cases – Somalia". 4 de Junho de 2008. Disponível em: <http://www.unodc.org/>.

Cocaine Trafficking in West Africa: The Threat to Stability and Development. UNODC, Dezembro de 2007. World Drug Report 2009, UNODC. Disponível em: <http://www.unodc.org/>.

⁶ D. R. of Congo Conflict History. International Crisis Group. Disponível em: <http://www.icg.org/>.

GERSONY, Robert – "The Anguish of Northern Uganda: Rescues of a Field Base Assessment of Civil Conflicts in Northern Uganda. Kampala: US Embassy and USAID Mission, 1997.